

## VISÕES DE ESQUERDA SOBRE O GOLPE DE 1964 NO BRASIL

Gabriela Fernandes de Siqueira

(Departamento de História- UFRN)

Henrique Alonso de A. R. Pereira

(Departamento de História- UFRN)

### RESUMO:

A década de 60 apresenta diversas transformações na sociedade brasileira que foram determinantes para o surgimento de movimentos e grupos sociais, sobretudo de esquerda. É nesse clima de penetração dos movimentos sociais que ocorre a reorganização do movimento sindical, e a política brasileira ultrapassa a esfera partidária. O objetivo deste trabalho é estudar visões de membros, facções, sindicatos e movimentos de esquerda que foram contrários ao Golpe de Estado de 1964 no Brasil. Para tal foram analisadas seis entrevistas organizadas por Dênis de Moraes no livro “A Esquerda e o Golpe de 1964: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões”. De maneira geral, as visões descreveram a implementação do então “novo” governo militar como autoritária, unidimensional e antidemocrática. Os entrevistados apresentam em seus relatos um discurso que procura desmistificar as razões elencadas pela direita que justificariam a necessidade do Golpe. Este trabalho é parte integrante do projeto “Memórias da Ditadura Militar no RN”, financiado pela UFRN/Propesq.

**PALAVRAS-CHAVE:** visões; golpe; esquerda; ditadura.

A década de 60 apresenta diversas transformações na sociedade brasileira que foram determinantes para o surgimento de movimentos e grupos sociais, sobretudo de esquerda. Até mesmo os títulos conquistados pela seleção brasileira em 1958 e 1962, o crescimento econômico e o Plano de Metas defendido por Juscelino Kubitschek, a

Bossa Nova, as novas formas de comunicação, a renovação temática do teatro brasileiro expresso pelo CPC (Centro popular de Cultura), contribuíram para expressar e propagar a necessidade de tomada de consciência por parte do povo brasileiro, para que este pudesse tentar mudar a sua realidade por meio da expansão da indústria cultural.

A Revolução Cubana de 1959 trouxe influência de impacto ideológico no Brasil, pois o país caribenho havia derrubado o ditador e entregado o governo nas mãos do povo, despertando nos jovens brasileiros o desejo de mudar, de acreditar que também seria possível transformar a estrutura do seu país. Nesse sentido, a política brasileira de 1960 a 1964 passa a ultrapassar a esfera partidária e penetra nos movimentos sociais, anunciando que seria o momento de reconhecer e praticar os direitos de cidadania.

É nesse clima de penetração dos movimentos sociais que ocorre a reorganização do movimento sindical, principalmente a partir da ascensão de João Goulart à presidência da República. Sendo assim, os depoimentos utilizados neste trabalho se destinam a apresentar a visão dos membros, facções, sindicatos, grupos e movimentos de esquerda que foram contrários ao golpe de Estado, e possuíam o desejo de mudanças na estrutura fundiária, ampliação dos direitos e melhores condições de vida para a população camponesa, demandas na esfera política como o voto para os analfabetos e o reconhecimento dos sindicatos rurais, bem como outros propósitos.

Os depoimentos apontam diversas divergências entre si, devido, principalmente, à existência de diversos grupos de esquerda. A maioria dos depoentes considera que os grupos de direita criaram diversas mistificações usadas para legitimar o golpe, como a difusão de um perigo comunista, quando observamos que a maioria desses movimentos de esquerda lutava por um poder capitalista, por reformas que garantissem melhorias aos trabalhadores, mas que mantivessem a legitimidade do governo, não havia, pois, a ameaça comunista tão enfatizada pela direita. Podemos perceber essa defesa do capitalismo no depoimento de Waldir Pires, governador da Bahia na época do governo de João Goulart, esse posicionamento também está presente na entrevista realizada com Luiz Carlos Prestes, na época Secretário-Geral do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Waldir Pires-As necessidades de mudança-que tinham o nome de reformas de base - eram uma coisa generalizada. Era uma espécie de linha que cortava muitos setores da sociedade e também muitos

setores políticos que não se organizavam em função, digamos assim, de um pensamento determinado, mas que desejavam a transformação, a mudança. Seria, portanto, a tentativa de fazer um governo socialista no Brasil? Não, não creio. (MORAES, 1989, p.214)

Prestes-Era a via pacífica sim. Além disso, víamos o capitalismo de uma maneira errônea, completamente falsa. Estávamos lutando ainda por um poder capitalista. O V Congresso corrigiu alguns desses erros, mas só em 1960, dois anos depois. (MORAES, 1989, p.262)

Outra idéia difundida pela imprensa, em sua maioria comprada pela direita, era a ameaça que os sindicatos constituíam. A todo tempo era divulgado a existência de greves e o perigo que a reforma agrária traria a classe média sendo incompatível com seus interesses, o que foi acarretando na saída desse grupo social do movimento de esquerda. Sem o apoio da classe média o governo se desestabilizava ainda mais, pois ela é fundamental na estabilidade do processo político brasileiro, além de exercer influência no comportamento das Forças Armadas, como expôs Waldir Pires.

E algumas das medidas propostas nos retiraram o apoio das classes médias, que são fundamentais na estabilidade do processo político brasileiro, não só porque já são numerosas e têm interesses específicos claros, como também porque são muito presentes na visão e no comportamento das Forças Armadas.

A Direita desenvolveu, por exemplo, a idéia de que a reforma agrária era alguma coisa incompatível com os interesses da classe média, quando nós sabemos que não há nada mais compatível com os interesses da classe média do que a reforma agrária. Que absorve mão-de-obra do homem no campo, dá a todos a capacidade de ter terra e trabalhá-la, com crédito, organização de mercado, abastecimento, com toda uma política agrícola e agrária. (MORAES, 1989, p.216)

Esse movimento sindical estava longe de representar uma ameaça à legitimação do governo; era em suma um movimento que provocava greves apenas em empresas estatais, isto porque o presidente pagava as horas que os operários perdiam. Além disso, as lideranças se comportavam, muitas vezes, de um modo oportunista, aproximando-se de Jango para obter algumas regalias, e esquecendo os reais objetivos a que se propunha. Observa-se esse descrédito quanto ao alcance dos movimentos sindicais em diversos depoimentos, com maior destaque no de Francisco Julião, responsável pelas

Ligas Camponesas na época, no de Carlos Prestes, e no de Darcy Ribeiro, que na época era chefe da Casa Civil do presidente.

*Então o CGT não cumpriu o seu papel?*

Julião – Não cumpriu, absolutamente. Pelo menos aqui na nossa região, e não me consta que tenha sido diferente em outras regiões do Brasil. Eu convidava os líderes operários, os presidentes de sindicatos, dizendo: “Vamos fazer uma aliança com os camponeses”.O indivíduo coçava a cabeça, dizia que no domingo tinha compromisso, que precisava passear com a família, jogar futebol...(MORAES, 1989, p.228)

Prestes-Havia ilusões muito grandes de que havia greves, de que éramos fortes.As greves veja bem, eram nas empresas estatais.Aquele comício de 13 de março, por exemplo: o Jango botou caminhões, ônibus à disposição, veio gente da Petrobrás, ferroviários, portuários.Tudo pessoal de empresas estatais, que obteve grandes vantagens.(MORAES, 1989, p.265)

Darcy-A característica do meio sindical era o oportunismo.A maior parte dos líderes sindicais de esquerda era muito sacana, disposta a fazer greve nas empresas estatais, mas sem nenhuma atuação nas empresas privadas.(MORAES, 1989, p. 302)

Outro motivo que a direita defende para a realização do Golpe de 1964 foi o desrespeito de dois princípios considerados básicos das Forças Armadas: a hierarquia e a disciplina, alegando que a esquerda subvertia esses princípios fomentando revoltas como a Revolta dos Sargentos em 1963<sup>1</sup> e a dos marinheiros e fuzileiros em 1964<sup>2</sup>. Quanto a essa idéia de subversão, o depoimento de Waldir Pires deixa claro, frisando que o objetivo da direita era criar condições que dificultassem o governo de Goulart.

---

<sup>1</sup> A Revolta dos sargentos foi promovida por cabos, sargentos e suboficiais, principalmente da Aeronáutica e da Marinha, do Brasil em setembro de 1963, em Brasília.Tal rebelião foi motivada pela decisão do Supremo Tribunal Federal de reafirmar a inelegibilidade dos sargentos para os órgãos do Poder Legislativo, conforme previa a Constituição de 1946.

<sup>2</sup> Nome com que ficou conhecido o episódio originado pela resistência dos marinheiros, reunidos na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro no dia 25 de março de 1964. Tratava-se de dois mil marinheiros e fuzileiros navais liderados por José Anselmo dos Santos, o "cabo" Anselmo, reivindicando o reconhecimento de sua associação, a melhoria da alimentação a bordo dos navios e dos quartéis e a reformulação do regulamento disciplinar da Marinha.

Eu creio que não havia a noção clara da profundidade da articulação da direita, da eventualidade do golpe de Estado. Além de alguns equívocos no tratamento da questão militar, houve provocações. Hoje todos nós sabemos o papel que desempenhou o cabo Anselmo naqueles episódios que venderam a idéia de um governo que estava desrespeitando o princípio da hierarquia e da disciplina, portanto da governabilidade democrática. Tudo isso foi conturbando e retirando a sustentação militar do governo. (MORAES, 1989, p.219-220)

Desse modo, essas revoltas estavam longe de constituírem uma ameaça a ordem e desrespeito dos princípios das Forças Armadas. Tratava-se da mobilização de setores subalternos nos quartéis por direitos democráticos, que até então lhes eram vedados, como o acesso à universidade, votar e ser votado, mudanças nos regulamentos disciplinares, possibilidades de ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras. Enfim, eram soldados, marinheiros, fuzileiros navais, cabos e sargentos que além dessas reivindicações, queriam casar e constituir família, independente do tempo de serviço. Esses foram os reais motivos da revolta, não estava em jogo questionar a posição de seus superiores, e sim lutar por ideais que achavam justos.

Outra idéia bastante comum nas entrevistas foi a importância da participação de forças externas na implementação do golpe, sobretudo a influência dos Estados Unidos na destituição do governo de João Goulart. Henrique Pereira destaca em seu artigo “Repressão e diplomacia: Brasil, Estados Unidos e a Experiência do Golpe de 1964 no Rio Grande do Norte” a existência da Aliança para o Progresso como uma das maiores expressões dessa política externa norte-americana, que visava, através de uma aparente aliança para o progresso econômico, combater o “perigo” comunista.

A maioria dos depoentes, com destaque para Darcy Ribeiro, acredita que as reformas que Jango estava implementando atrapalhavam os interesses dos ianques, principalmente a lei de remessas de lucros votada pelo Congresso Nacional. Dessa maneira, os norte-americanos, defensores de seus privilégios e, sobretudo do capitalismo, passaram a agir na formação de um golpe militar no país, financiando esse golpe e contribuindo para a difusão de uma propaganda “anticomunista”, havendo até mesmo a difusão de uma possível intervenção militar norte-americana. Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul à época, considera que o IPES (Instituto de Pesquisa

e Estudos Sociais) era um centro de articulação do golpe que recebia influências internacionais, principalmente norte-americanas, montando um sistema de desarticulação do governo. Destaca ainda o papel da Escola Superior de Guerra (ESG) que também representava essa influência externa, haja vista que no governo Goulart essa escola possuía grande projeção, trazendo empresários de diversas partes para participarem de seus cursos, cultivando, assim, uma doutrina não somente para as Forças Armadas, mas também relativa à presença no país do capital multinacional. Era o que Brizola denominava de “doutrina sobre o desenvolvimento e a segurança nacional”.

Darcy- (...) O presidente João Goulart decidiu tomar uma atitude de tentar conquistar, por meios persuasórios, as transformações capitais. Conseguiu o que parecia impossível, que o Congresso Nacional votasse a lei de remessa de lucros. Foi essa lei que provocou a intervenção norte-americana. Ou seja: creio que as reformas que nós estávamos fazendo teriam sido executadas se não fosse a intervenção norte-americana. De fato, não foram forças nativas, locais, que desestabilizaram e derrubaram o governo. Foi um complô internacional, conduzido aqui dentro com enorme eficácia. (MORAES, 1989, p.297)

Darcy-(...) Pois bem: temos hoje conexões internacionais. Naquela época, não tínhamos. Eu só vi o golpe em marcha até o ponto em que o Jango me disse, por informação dada pelo San Tiago Dantas, de que havia uma frota americana se aproximando da Baía de Guanabara, que entraria aqui se o Lacerda fosse atacado. O sinal para entrar era esse. E eu disse: “É mentira, não tem frota”. Não tinha aqui, mas tinha em Vitória!(...) Eu não imaginava que aquilo que estávamos fazendo fosse tão importante. E de fato era. No momento em que o Brasil se tornar autônomo, realizar suas potencialidades, com um projeto próprio, a América Latina toda se libertará da dominação norte-americana. (MORAES, 1989, p.304)

Brizola-(...) Uma doutrina sobre o desenvolvimento e a segurança nacional. Ingênuos, nós não nos dávamos conta de tudo aquilo, dos interesses internacionais e das doutrinas exóticas importadas de centros do exterior. (MORAES, 1989, p.350)

Era uma tentativa de impedir que se instaurasse no Brasil a revolução que ocorrera em Cuba, e segundo os EUA, as atitudes de Jango estavam caminhando para essa aproximação do comunismo, em detrimento do capitalismo. Esse era o discurso dos norte-americanos, mas os depoimentos enfocam essa influência direcionada em impedir as reformas que garantiam melhores condições para o trabalhador, mas colocava em jogo a estabilidade institucional da ordem burguesa, principalmente no aspecto do direito de propriedade.

Além disso, a influência de Fidel Castro, líder da Revolução Cubana, também tem relação com os Estados Unidos, algo presente no depoimento de Francisco Julião, que destaca ter um relacionamento estreito com Fidel e afirma que este suspeitava que os EUA estivessem organizando uma invasão contra Cuba. Dessa maneira, Fidel pretendia desviar as atenções dos ianques para a América Latina, em especial para o Brasil, pois considerava ser um país que poderia organizar uma guerrilha e fomentar uma revolução, retardando os planos dos Estados Unidos de invadir Cuba. Assim, fica exposto que Cuba não pretendia apenas ter uma relação amistosa, transmitir ideais, provocar uma revolução em defesa de parâmetros comuns. Existia sim, um jogo de interesse, um motivo além da difusão de um ideal político comum, tratava-se, antes de tudo, de preservar seus interesses particulares.

Julião –(...) Quis deslanchar na América Latina um processo revolucionário, para ver se distraía essa preocupação dos Estados Unidos de invadir e aniquilar o processo revolucionário cubano. (...) creio que nisso ele cometeu um grave erro. Porque ao invés de fazer com que a América Latina avançasse com um passo mais lento, porém mais seguro, de certo modo isso contribuiu para dar às oligarquias do Continente, com a ajuda dos Estados Unidos, instrumentos mais afiados para reprimir os movimentos de libertação desses países. (MORAES, 1989, p.225)

É importante pensar também a visão que esses grupos de esquerda possuíam de João Goulart, essa visão varia de acordo com cada depoente e seu grau de proximidade com o então presidente. Celso Furtado, na época ministro do Planejamento e idealizador do Plano Trienal, considera que João Goulart construiu um governo fraco, que

modificava a todo instante o grupo que apoiava, não seguindo diretrizes claras e coerentes, “um governo fraco, preocupado em defender-se e sobreviver” (MORAES, 1989, p.286).

Luiz Carlos Prestes considera Jango o maior responsável pelo golpe de 1964, afirmando que ele conhecia todas as manobras políticas, porque era um homem inteligente, mas estava entre duas escolhas, ou se submetia à vontade dos Generais, expressada pelo General Amaury Kruel que exigia a dissolução do CGT (Confederação Geral do Trabalho), ou teria que se apoiar no PCB. Entretanto, Prestes considera que Goulart preferiu sair como “vítima”, pois sabia que o partido iria crescer, e tinha medo de perder seu poder.

Já Waldir Pires considera Jango uma pessoa generosa, que estava disposto em fornecer uma vida melhor para a massa, mas não era articulador do povo, não possuía uma articulação de pensamento político determinada. Darcy Ribeiro já trás uma nova visão de Jango, que enfatiza a compreensão da direita, Jango só teria sido entendido realmente pela direita, que “verificou que ele era um perigo, e se unificou toda para derrubá-lo e levar o país a essa situação” (MORAES, 1989, p.300).

Francisco Julião vai criticar, sobretudo, a Reforma Agrária desenvolvida por Jango, afirmando que esta não tocara realmente na essência do latifúndio, sendo uma reforma que Julião denominava de “beira de estrada”. Para ele, Goulart utilizava a reforma apenas para conter alguma tensão social; Julião pregava uma reforma mais profunda, que limitasse a quantidade de terras e que estabelecesse um imposto progressivo sobre as terras que não se cultivavam.

Os militares utilizam como uma das causas do golpe, essa aproximação de Jango com a esquerda, e o colocam em uma relação íntima com os anseios desses grupos. Entretanto os depoimentos revelam que não era desse modo, a relação de Jango variava e a maioria dos entrevistados aponta falhas cruciais na atuação janguista, até mesmo membros do seu governo, como Celso Furtado, tecem críticas e apontam para a falta de pulso e posicionamento do então presidente.

As posições em relação a Goulart já anunciam as divergências que existiam entre os grupos de esquerda, e que são apontadas pela maioria dos depoentes como uma

das principais causas para o insucesso da revolução de esquerda. Darcy Ribeiro enuncia que é inerente a esquerda ser contestatária e se dividir, faz parte de sua natureza, enquanto a direita tende a se unir porque possui interesses mais concretos para defender, como reter o que tem e manter a ordem e a disciplina. Waldir Pires destaca ainda que essa direita está disposta a tudo pra garantir a manutenção de seus privilégios e por isso mobiliza todos os modos para defender seus interesses.

Waldir-(...) Eu creio que isso foi responsável pela enorme articulação da direita. A direita é insuscetível de reduzir seus privilégios. Quando ela tem receios de que não seja possível manter seus privilégios, dispõe-se a tudo. Não faz a luta simplesmente institucional, ela se mobiliza de todos os modos para defender seus interesses, inclusive com a interrupção do processo democrático. (MORAES, 1989, p.218)

Francisco Julião destaca que a pulverização da esquerda é algo freqüente na América Latina, porque são movimentos que não possuem base nas massas, movimentos nascidos de uma concepção de grupo que não procura conhecer a realidade dos trabalhadores, do povo, e sim inculcar um ideal já fabricado nesse povo que não foi conscientizado, preparado, o que se torna demasiadamente difícil.

Prestes-(...) Fazem seu projeto revolucionário e depois o implantam como um corpo estranho no seio de uma determinada massa. Fracassam porque sempre a tendência é haver um rechaço. A massa não foi preparada, trabalhada, conscientizada, e esse corpo ali não entra. E então surge outro grupo com essa mesma pretensão. E assim se multiplicam de forma indefinida. O resultado é que quando chega o momento do ajuste com as forças reacionárias e as oligarquias-sempre bem orientadas, com uma tradição de unidade e organização-esses movimentos de esquerda se desfazem como espuma. Não encontram caminho, nem sequer para a unidade entre eles. Já começaram divididos, e o ódio entre eles é tão poderoso, é mais forte até mesmo do que contra o inimigo comum que pretendem combater. (MORAES, 1989, p.226-227)

Darcy Ribeiro considera que a esquerda subestimou e fechou os olhos para uma conspiração que estava prestes a acontecer, essa informação não passava, não havia sensibilidade para os grupos de esquerda tomarem uma atitude, mesmo com uma articulação que Ribeiro considerava visível no Nordeste e em várias regiões do país.

A maior parte das pessoas com quem eu falava disso não compreendia. E eu dizia que as informações que me chegavam do Conselho de Segurança Nacional e do Serviço Secreto de vários órgãos deixavam evidente que estava em marcha um movimento para derrubar o governo. Mas não havia sensibilidade para isso. Havia idéia do contrário, de que Jango estava fazendo algo. (MORAES, 1989, p.298)

O que acontecia era uma verdadeira divisão entre os grupos de esquerda, que estavam preocupados em tecer parâmetros de reformas, e fechavam os olhos para um golpe que se mostrava evidente. Algumas facções percebiam uma movimentação estranha, mas supervalorizavam suas influências, seus contatos dentro das Forças Armadas e não enxergavam a força avassaladora da direita.

Alguns depoentes acreditam que a perspectiva da sucessão presidencial em 1965 contribuiu para dividir a esquerda ainda mais. Estavam preocupados com a eleição, pois consideravam, em sua maioria, que era possível transformar o país sem a força das armas, mas sim com a força popular, mobilizando a sociedade pelo voto, e por isso, por essa preocupação demasiada com as eleições, a esquerda fechava os olhos para a conspiração em marcha. Estavam voltados para formar uma coligação ganhando força para chegar em Brasília, enquanto a direita conspirava, por saber que perderia as eleições para um candidato desse grupo de esquerda.

Julião-(...) Ninguém estava preparado para a resistência. Todo mundo estava voltado para a eleição. Todo mundo pôs na cabeça que era possível chegar a uma transformação radical da sociedade brasileira sem um tiro. Achava-se que o voto teria muito mais força que o fuzil (...). Os partidos políticos, que não tinham uma grande estrutura mas líderes carismáticos, como Lacerda, Jânio, Brizola, Prestes, estavam na expectativa de uma grande batalha pela Presidência da República. (MORAES, 1989, p.231)

Waldir Pires aponta outra causa possível da derrota do grupo de esquerda que seria a falta de clareza em relação às reformas sociais e econômicas. Considera que não houve uma estratégia comum para o significado de reformar a sociedade do Brasil, e as divergências sobre como se podia chegar a essa reforma foram umas das causas dessas

divisões haja vista que, para Waldir, existiam grupos que queriam essa reforma de um modo legítimo e outros que pretendiam usar alguma solução não institucional.

Waldir-(...) Eu creio que uma das razões profundas do golpe de Estado de 64 foi que não houve clareza no projeto de reformas sociais e econômicas, no sentido de que não se construiu uma estratégia nítida sobre o que seria reformas a sociedade brasileira. Como? De que forma? O Estado democrático se consolidará e se fortalecerá, de que modo? É possível abrir mão do projeto do Estado democrático? Havia dúvidas- não na minha cabeça, mas na de outros companheiros- sobre a possibilidade de a solução não ser institucional. (MORAES, 1989, p.216)

Assim, nota-se uma divisão profunda entre os movimentos de esquerda, sobretudo na questão do pensamento das causas do fracasso da revolução. É interessante pensar que para os grupos de esquerda existem mistificações articuladas pela direita e que o conflito de interesses direita-esquerda muitas vezes deixa de lado o principal objetivo que deveriam ter os partidos ou grupos políticos: o benefício, melhores condições de vida para a população, para as massas.

Os sindicatos, as greves encabeçadas, foram, em sua grande maioria, um conjunto artificial, já que não resultaram de um aumento da capacidade de pressão autônoma da classe operária, mas do apoio que as lideranças dos sindicatos oficiais receberam do governo, uma vez que muitos sindicatos recebiam auxílio para apoiar Goulart. Foram movimentos em que certos líderes se revelaram oportunistas, em que os direitos defendidos eram de um grupo que já estava no poder.

Não se pode esquecer da autoconfiança dessas facções de esquerda, essa confiança que muitas vezes cegou. Faltou chegar a um programa comum, que abarcasse toda a sociedade, a um movimento homogêneo, capaz de se unir, de ter forças para evitar conspirações. Os depoimentos apontam essa situação meio passiva, como se esses movimentos tivessem visto o golpe de 1964 “bestializados”, ficaram sem ação, não havia uma organização, não havia mecanismo de resistência justamente porque as bases do movimento estavam falhas, com brechas. A direita se aproveitou dessas fraquezas, utilizou-se dos mecanismos que dispunha dos veículos de informação, da manipulação

desses veículos e passou a retirar as classes médias, a burguesia, passou a deturpar alguns ideais dessas facções de esquerda, e foi conduzindo a conspiração.

Deve-se entender que ambos os lados possuem seus pontos fracos, a direita não era de todo homogeneia, mas sabia ser na hora de lutar pelos seus interesses, enquanto que a esquerda travava duas disputas paralelas, uma internamente entre seus vários grupos e partidos, e outra com a direita. É uma questão que não se esgota, e deve ser pensada, repensada, e exposta para que se possam desenvolver mais pesquisas sobre esses temas e esclarecer certas visões condicionadas de ambos os grupos.

### **3-) OS INSUCESSOS DE UMA REVOLUÇÃO: VISÕES DE ESQUERDA SOBRE O GOLPE DE 1964**

A década de 60 apresenta diversas transformações na sociedade brasileira que foram determinantes para o surgimento de movimentos e grupos sociais, sobretudo de esquerda. Até mesmo os títulos conquistados pela seleção brasileira em 1958 e 1962, o crescimento econômico e o Plano de Metas defendido por Juscelino Kubitschek, a Bossa Nova, as novas formas de comunicação, a renovação temática do teatro brasileiro expresso pelo CPC ( Centro popular de Cultura),contribuíram para expressar e propagar a necessidade de tomada de consciência por parte do povo brasileiro, para que

este pudesse tentar mudar a sua realidade por meio da expansão da indústria cultural.

A Revolução Cubana de 1959 trouxe influência de impacto ideológico no Brasil, pois o país caribenho havia derrubado o ditador e entregado o governo nas mãos do povo, despertando nos jovens brasileiros o desejo de mudar, de acreditar que também seria possível transformar a estrutura do seu país. Nesse sentido, a política brasileira de 1960 a 1964 passa a ultrapassar a esfera partidária e penetra nos movimentos sociais, anunciando que seria o momento de reconhecer e praticar os direitos de cidadania.

É nesse clima de penetração dos movimentos sociais que ocorre a reorganização do movimento sindical, principalmente a partir da ascensão de João Goulart à presidência da República. Sendo assim, os depoimentos utilizados neste trabalho se destinam a apresentar a visão dos membros, facções, sindicatos, grupos e movimentos de esquerda que foram contrários ao golpe de Estado, e possuíam o desejo de mudanças na estrutura fundiária, ampliação dos direitos e melhores condições de vida para a população camponesa, demandas na esfera política como o voto para os analfabetos e o reconhecimento dos sindicatos rurais, bem como outros propósitos.

Os depoimentos apontam diversas divergências entre si, devido, principalmente, à existência de diversos grupos de esquerda. A maioria dos depoentes considera que os grupos de direita criaram diversas mistificações usadas para legitimar o golpe, como a difusão de um perigo comunista, quando observamos que a maioria desses movimentos de esquerda lutava por um poder capitalista, por reformas que garantissem melhorias aos trabalhadores, mas que mantivessem a legitimidade do governo, não havia, pois, a ameaça comunista tão enfatizada pela direita. Podemos perceber essa defesa do capitalismo no depoimento de Waldir Pires, governador da Bahia na época do governo de João Goulart, esse posicionamento também está presente na entrevista realizada com Luiz Carlos Prestes, na época Secretário-Geral do PCB (Partido Comunista Brasileiro).

Waldir Pires-As necessidades de mudança-que tinham o nome de reformas de base - eram uma coisa generalizada. Era uma espécie de linha que cortava muitos setores da sociedade e também muitos setores políticos que não se organizavam em função, digamos assim, de um pensamento determinado, mas que desejavam a transformação, a mudança. Seria, portanto, a tentativa de fazer um governo socialista no Brasil? Não, não creio. (MORAES, 1989, p.214)

Prestes-Era a via pacífica sim. Além disso, víamos o capitalismo de uma maneira errônea, completamente falsa. Estávamos lutando ainda por um poder capitalista. O V Congresso corrigiu alguns desses erros, mas só em 1960, dois anos depois. (MORAES, 1989, p.262)

Outra idéia difundida pela imprensa, em sua maioria comprada pela direita, era a ameaça que os sindicatos constituíam. A todo tempo era divulgado a existência de greves e o perigo que a reforma agrária traria a classe média sendo incompatível com seus interesses, o que foi acarretando na saída desse grupo social do movimento de esquerda. Sem o apoio da classe média o governo se desestabilizava ainda mais, pois ela é fundamental na estabilidade do processo político brasileiro, além de exercer influência no comportamento das Forças Armadas, como expôs Waldir Pires.

E algumas das medidas propostas nos retiraram o apoio das classes médias, que são fundamentais na estabilidade do processo político brasileiro, não só porque já são numerosas e têm interesses específicos claros, como também porque são muito presentes na visão e no comportamento das Forças Armadas.

A Direita desenvolveu, por exemplo, a idéia de que a reforma agrária era alguma coisa incompatível com os interesses da classe média, quando nós sabemos que não há nada mais compatível com os interesses da classe média do que a reforma agrária. Que absorve mão-de-obra do homem no campo, dá a todos a capacidade de ter terra e trabalhá-la, com crédito, organização de mercado, abastecimento, com toda uma política agrícola e agrária. (MORAES, 1989, p.216)

Esse movimento sindical estava longe de representar uma ameaça à legitimação do governo; era em suma um movimento que provocava greves apenas em empresas estatais, isto porque o presidente pagava as horas que os operários perdiam. Além disso, as lideranças se comportavam, muitas vezes, de um modo oportunista, aproximando-se de Jango para obter algumas regalias, e esquecendo os reais objetivos a que se propunha. Observa-se esse descrédito quanto ao alcance dos movimentos sindicais em diversos depoimentos, com maior destaque no de Francisco Julião, responsável pelas Ligas Camponesas na época, no de Carlos Prestes, e no de Darcy Ribeiro, que na época era chefe da Casa Civil do presidente.

*Então o CGT não cumpriu o seu papel?*

Julião – Não cumpriu, absolutamente. Pelo menos aqui na nossa região, e não me consta que tenha sido diferente em outras regiões do Brasil. Eu convidava os líderes operários, os presidentes de sindicatos, dizendo: “Vamos fazer uma aliança com os camponeses”.O indivíduo coçava a cabeça, dizia que no domingo tinha compromisso, que precisava passear com a família, jogar futebol...(MORAES, 1989, p.228)

Prestes-Havia ilusões muito grandes de que havia greves, de que éramos fortes.As greves veja bem, eram nas empresas estatais.Aquele comício de 13 de março, por exemplo: o Jango botou caminhões, ônibus à disposição, veio gente da Petrobrás, ferroviários, portuários.Tudo pessoal de empresas estatais, que obteve grandes vantagens.(MORAES, 1989, p.265)

Darcy-A característica do meio sindical era o oportunismo.A maior parte dos líderes sindicais de esquerda era muito sacana, disposta a fazer greve nas empresas estatais, mas sem nenhuma atuação nas empresas privadas.(MORAES, 1989, p. 302)

Outro motivo que a direita defende para a realização do Golpe de 1964 foi o desrespeito de dois princípios considerados básicos das Forças Armadas: a hierarquia e a disciplina, alegando que a esquerda subvertia esses princípios

fomentando revoltas como a Revolta dos Sargentos em 1963<sup>3</sup> e a dos marinheiros e fuzileiros em 1964<sup>4</sup>. Quanto a essa idéia de subversão, o depoimento de Waldir Pires deixa claro, frisando que o objetivo da direita era criar condições que dificultassem o governo de Goulart.

Eu creio que não havia a noção clara da profundidade da articulação da direita, da eventualidade do golpe de Estado. Além de alguns equívocos no tratamento da questão militar, houve provocações. Hoje todos nós sabemos o papel que desempenhou o cabo Anselmo naqueles episódios que venderam a idéia de um governo que estava desrespeitando o princípio da hierarquia e da disciplina, portanto da governabilidade democrática. Tudo isso foi conturbando e retirando a sustentação militar do governo. (MORAES, 1989, p.219-220)

Desse modo, essas revoltas estavam longe de constituírem uma ameaça a ordem e desrespeito dos princípios das Forças Armadas. Tratava-se da mobilização de setores subalternos nos quartéis por direitos democráticos, que até então lhes eram vedados, como o acesso à universidade, votar e ser votado, mudanças nos regulamentos disciplinares, possibilidades de ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras. Enfim, eram soldados, marinheiros, fuzileiros navais, cabos e sargentos que além dessas reivindicações, queriam casar e constituir família, independente do tempo de serviço. Esses foram os reais motivos da revolta, não estava em jogo questionar a posição de seus superiores, e sim lutar por ideais que achavam justos.

Outra idéia bastante comum nas entrevistas foi a importância da participação de forças externas na implementação do golpe, sobretudo a influência dos Estados Unidos na destituição do governo de João Goulart. Henrique Pereira destaca em seu artigo "Repressão e diplomacia: Brasil,

---

<sup>3</sup> A Revolta dos sargentos foi promovida por cabos, sargentos e suboficiais, principalmente da Aeronáutica e da Marinha, do Brasil em setembro de 1963, em Brasília. Tal rebelião foi motivada pela decisão do Supremo Tribunal Federal de reafirmar a inelegibilidade dos sargentos para os órgãos do Poder Legislativo, conforme previa a Constituição de 1946.

<sup>4</sup> Nome com que ficou conhecido o episódio originado pela resistência dos marinheiros, reunidos na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro no dia 25 de março de 1964. Tratava-se de dois mil marinheiros e fuzileiros navais liderados por José Anselmo dos Santos, o "cabo" Anselmo, reivindicando o reconhecimento de sua associação, a melhoria da alimentação a bordo dos navios e dos quartéis e a reformulação do regulamento disciplinar da Marinha.

Estados Unidos e a Experiência do Golpe de 1964 no Rio Grande do Norte” a existência da Aliança para o Progresso como uma das maiores expressões dessa política externa norte-americana, que visava, através de uma aparente aliança para o progresso econômico, combater o “perigo” comunista.

A maioria dos depoentes, com destaque para Darcy Ribeiro, acredita que as reformas que Jango estava implementando atrapalhavam os interesses dos ianques, principalmente a lei de remessas de lucros votada pelo Congresso Nacional. Dessa maneira, os norte-americanos, defensores de seus privilégios e, sobretudo do capitalismo, passaram a agir na formação de um golpe militar no país, financiando esse golpe e contribuindo para a difusão de uma propaganda “anticomunista”, havendo até mesmo a difusão de uma possível intervenção militar norte-americana. Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul à época, considera que o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) era um centro de articulação do golpe que recebia influências internacionais, principalmente norte-americanas, montando um sistema de desarticulação do governo. Destaca ainda o papel da Escola Superior de Guerra (ESG) que também representava essa influência externa, haja vista que no governo Goulart essa escola possuía grande projeção, trazendo empresários de diversas partes para participarem de seus cursos, cultivando, assim, uma doutrina não somente para as Forças Armadas, mas também relativa à presença no país do capital multinacional. Era o que Brizola denominava de “doutrina sobre o desenvolvimento e a segurança nacional”.

Darcy- (...) O presidente João Goulart decidiu tomar uma atitude de tentar conquistar, por meios persuasórios, as transformações capitais. Conseguiu o que parecia impossível, que o Congresso Nacional votasse a lei de remessa de lucros. Foi essa lei que provocou a intervenção norte-americana. Ou seja: creio que as reformas que nós estávamos fazendo teriam sido executadas se não fosse a intervenção norte-americana. De fato, não foram forças nativas, locais, que desestabilizaram e derrubaram o governo. Foi um complô internacional, conduzido aqui dentro com enorme eficácia. (MORAES, 1989, p.297)

Darcy-(...) Pois bem: temos hoje conexões internacionais. Naquela época, não tínhamos. Eu só vi o golpe em marcha até o ponto em que o Jango me disse, por informação dada pelo San Tiago Dantas, de que havia uma frota americana se aproximando da Baía de Guanabara, que entraria aqui se o Lacerda fosse atacado. O sinal para entrar era esse. E eu disse: "É mentira, não tem frota". Não tinha aqui, mas tinha em Vitória!(...) Eu não imaginava que aquilo que estávamos fazendo fosse tão importante. E de fato era. No momento em que o Brasil se tornar autônomo, realizar suas potencialidades, com um projeto próprio, a América Latina toda se libertará da dominação norte-americana. (MORAES, 1989, p.304)

Brizola-(...) Uma doutrina sobre o desenvolvimento e a segurança nacional. Ingênuos, nós não nos dávamos conta de tudo aquilo, dos interesses internacionais e das doutrinas exóticas importadas de centros do exterior. (MORAES, 1989, p.350)

Era uma tentativa de impedir que se instaurasse no Brasil a revolução que ocorrera em Cuba, e segundo os EUA, as atitudes de Jango estavam caminhando para essa aproximação do comunismo, em detrimento do capitalismo. Esse era o discurso dos norte-americanos, mas os depoimentos enfocam essa influência direcionada em impedir as reformas que garantiam melhores condições para o trabalhador, mas colocava em jogo a estabilidade institucional da ordem burguesa, principalmente no aspecto do direito de propriedade.

Além disso, a influência de Fidel Castro, líder da Revolução Cubana, também tem relação com os Estados Unidos, algo presente no depoimento de Francisco Julião, que destaca ter um relacionamento estreito com Fidel e afirma que este suspeitava que os EUA estivessem organizando uma invasão contra Cuba. Dessa maneira, Fidel pretendia desviar as atenções dos ianques para a América Latina, em especial para o Brasil, pois considerava ser um país que poderia organizar uma guerrilha e fomentar uma revolução, retardando os planos dos Estados Unidos de invadir Cuba. Assim, fica exposto que Cuba não

pretendia apenas ter uma relação amistosa, transmitir ideais, provocar uma revolução em defesa de parâmetros comuns. Existia sim, um jogo de interesse, um motivo além da difusão de um ideal político comum, tratava-se, antes de tudo, de preservar seus interesses particulares.

Julião –(...) Quis deslanchar na América Latina um processo revolucionário, para ver se distraía essa preocupação dos Estados Unidos de invadir e aniquilar o processo revolucionário cubano. (...) creio que nisso ele cometeu um grave erro. Porque ao invés de fazer com que a América Latina avançasse com um passo mais lento, porém mais seguro, de certo modo isso contribuiu para dar às oligarquias do Continente, com a ajuda dos Estados Unidos, instrumentos mais afiados para reprimir os movimentos de libertação desses países. (MORAES, 1989, p.225)

É importante pensar também a visão que esses grupos de esquerda possuíam de João Goulart, essa visão varia de acordo com cada depoente e seu grau de proximidade com o então presidente. Celso Furtado, na época ministro do Planejamento e idealizador do Plano Trienal, considera que João Goulart construiu um governo fraco, que modificava a todo instante o grupo que apoiava, não seguindo diretrizes claras e coerentes, “um governo fraco, preocupado em defender-se e sobreviver” (MORAES, 1989, p.286).

Luiz Carlos Prestes considera Jango o maior responsável pelo golpe de 1964, afirmando que ele conhecia todas as manobras políticas, porque era um homem inteligente, mas estava entre duas escolhas, ou se submetia à vontade dos Generais, expressada pelo General Amaury Kruel que exigia a dissolução do CGT (Confederação Geral do Trabalho), ou teria que se apoiar no PCB. Entretanto, Prestes considera que Goulart preferiu sair como “vítima”, pois sabia que o partido iria crescer, e tinha medo de perder seu poder.

Já Waldir Pires considera Jango uma pessoa generosa, que estava disposto em fornecer uma vida melhor para a massa, mas não era articulador

do povo, não possuía uma articulação de pensamento político determinada. Darcy Ribeiro já trás uma nova visão de Jango, que enfatiza a compreensão da direita, Jango só teria sido entendido realmente pela direita, que “verificou que ele era um perigo, e se unificou toda para derrubá-lo e levar o país a essa situação” (MORAES, 1989, p.300).

Francisco Julião vai criticar, sobretudo, a Reforma Agrária desenvolvida por Jango, afirmando que esta não tocara realmente na essência do latifúndio, sendo uma reforma que Julião denominava de “beira de estrada”. Para ele, Goulart utilizava a reforma apenas para conter alguma tensão social; Julião pregava uma reforma mais profunda, que limitasse a quantidade de terras e que estabelecesse um imposto progressivo sobre as terras que não se cultivavam.

Os militares utilizam como uma das causas do golpe, essa aproximação de Jango com a esquerda, e o colocam em uma relação íntima com os anseios desses grupos. Entretanto os depoimentos revelam que não era desse modo, a relação de Jango variava e a maioria dos entrevistados aponta falhas cruciais na atuação janguista, até mesmo membros do seu governo, como Celso Furtado, tecem críticas e apontam para a falta de pulso e posicionamento do então presidente.

As posições em relação a Goulart já anunciam as divergências que existiam entre os grupos de esquerda, e que são apontadas pela maioria dos depoentes como uma das principais causas para o insucesso da revolução de esquerda. Darcy Ribeiro enuncia que é inerente a esquerda ser contestatária e se dividir, faz parte de sua natureza, enquanto a direita tende a se unir porque possui interesses mais concretos para defender, como reter o que tem e manter a ordem e a disciplina. Waldir Pires destaca ainda que essa direita está disposta a tudo pra garantir a manutenção de seus privilégios e por isso mobiliza todos os modos para defender seus interesses.

Waldir-(...) Eu creio que isso foi responsável pela enorme articulação da direita. A direita é insuscetível de reduzir seus

privilégios. Quando ela tem receios de que não seja possível manter seus privilégios, dispõe-se a tudo. Não faz a luta simplesmente institucional, ela se mobiliza de todos os modos para defender seus interesses, inclusive com a interrupção do processo democrático. (MORAES, 1989, p.218)

Francisco Julião destaca que a pulverização da esquerda é algo freqüente na América Latina, porque são movimentos que não possuem base nas massas, movimentos nascidos de uma concepção de grupo que não procura conhecer a realidade dos trabalhadores, do povo, e sim inculir um ideal já fabricado nesse povo que não foi conscientizado, preparado, o que se torna demasiadamente difícil.

Prestes-(...) Fazem seu projeto revolucionário e depois o implantam como um corpo estranho no seio de uma determinada massa. Fracassam porque sempre a tendência é haver um rechaço. A massa não foi preparada, trabalhada, conscientizada, e esse corpo ali não entra. E então surge outro grupo com essa mesma pretensão. E assim se multiplicam de forma indefinida. O resultado é que quando chega o momento do ajuste com as forças reacionárias e as oligarquias- sempre bem orientadas, com uma tradição de unidade e organização- esses movimentos de esquerda se desfazem como espuma. Não encontram caminho, nem sequer para a unidade entre eles. Já começaram divididos, e o ódio entre eles é tão poderoso, é mais forte até mesmo do que contra o inimigo comum que pretendem combater. (MORAES, 1989, p.226-227)

Darcy Ribeiro considera que a esquerda subestimou e fechou os olhos para uma conspiração que estava prestes a acontecer, essa informação não passava, não havia sensibilidade para os grupos de esquerda tomarem uma atitude, mesmo com uma articulação que Ribeiro considerava visível no Nordeste e em várias regiões do país.

A maior parte das pessoas com quem eu falava disso não compreendia. E eu dizia que as informações que me chegavam do Conselho de Segurança Nacional e do Serviço Secreto de vários órgãos deixavam evidente que estava em marcha um movimento para derrubar o governo. Mas não havia

sensibilidade para isso. Havia idéia do contrário, de que Jango estava fazendo algo. (MORAES, 1989, p.298)

O que acontecia era uma verdadeira divisão entre os grupos de esquerda, que estavam preocupados em tecer parâmetros de reformas, e fechavam os olhos para um golpe que se mostrava evidente. Algumas facções percebiam uma movimentação estranha, mas supervalorizavam suas influências, seus contatos dentro das Forças Armadas e não enxergavam a força avassaladora da direita.

Alguns depoentes acreditam que a perspectiva da sucessão presidencial em 1965 contribuiu para dividir a esquerda ainda mais. Estavam preocupados com a eleição, pois consideravam, em sua maioria, que era possível transformar o país sem a força das armas, mas sim com a força popular, mobilizando a sociedade pelo voto, e por isso, por essa preocupação demasiada com as eleições, a esquerda fechava os olhos para a conspiração em marcha. Estavam voltados para formar uma coligação ganhando força para chegar em Brasília, enquanto a direita conspirava, por saber que perderia as eleições para um candidato desse grupo de esquerda.

Julião-(...) Ninguém estava preparado para a resistência. Todo mundo estava voltado para a eleição. Todo mundo pôs na cabeça que era possível chegar a uma transformação radical da sociedade brasileira sem um tiro. Achava-se que o voto teria muito mais força que o fuzil (...). Os partidos políticos, que não tinham uma grande estrutura mas líderes carismáticos, como Lacerda, Jânio, Brizola, Prestes, estavam na expectativa de uma grande batalha pela Presidência da República. (MORAES, 1989, p.231)

Waldir Pires aponta outra causa possível da derrota do grupo de esquerda que seria a falta de clareza em relação às reformas sociais e econômicas. Considera que não houve uma estratégia comum para o significado de reformar a sociedade do Brasil, e as divergências sobre como se podia chegar a essa reforma foram umas das causas dessas divisões haja

vista que, para Waldir, existiam grupos que queriam essa reforma de um modo legítimo e outros que pretendiam usar alguma solução não institucional.

Waldir-(...) Eu creio que uma das razões profundas do golpe de Estado de 64 foi que não houve clareza no projeto de reformas sociais e econômicas, no sentido de que não se construiu uma estratégia nítida sobre o que seria reformas a sociedade brasileira. Como? De que forma? O Estado democrático se consolidará e se fortalecerá, de que modo? É possível abrir mão do projeto do Estado democrático? Havia dúvidas- não na minha cabeça, mas na de outros companheiros- sobre a possibilidade de a solução não ser institucional. (MORAES, 1989, p.216)

Assim, nota-se uma divisão profunda entre os movimentos de esquerda, sobretudo na questão do pensamento das causas do fracasso da revolução. É interessante pensar que para os grupos de esquerda existem mistificações articuladas pela direita e que o conflito de interesses direita-esquerda muitas vezes deixa de lado o principal objetivo que deveriam ter os partidos ou grupos políticos: o benefício, melhores condições de vida para a população, para as massas.

Os sindicatos, as greves encabeçadas, foram, em sua grande maioria, um conjunto artificial, já que não resultaram de um aumento da capacidade de pressão autônoma da classe operária, mas do apoio que as lideranças dos sindicatos oficiais receberam do governo, uma vez que muitos sindicatos recebiam auxílio para apoiar Goulart. Foram movimentos em que certos líderes se revelaram oportunistas, em que os direitos defendidos eram de um grupo que já estava no poder.

Não se pode esquecer da autoconfiança dessas facções de esquerda, essa confiança que muitas vezes cegou. Faltou chegar a um programa comum, que abarcasse toda a sociedade, a um movimento homogêneo, capaz de se unir, de ter forças para evitar conspirações. Os depoimentos apontam essa situação meio passiva, como se esses movimentos tivessem visto o golpe de

1964 “bestializados”, ficaram sem ação, não havia uma organização, não havia mecanismo de resistência justamente porque as bases do movimento estavam falhas, com brechas. A direita se aproveitou dessas fraquezas, utilizou-se dos mecanismos que dispunha dos veículos de informação, da manipulação desses veículos e passou a retirar as classes médias, a burguesia, passou a deturpar alguns ideais dessas facções de esquerda, e foi conduzindo a conspiração.

Deve-se entender que ambos os lados possuem seus pontos fracos, a direita não era de todo homogeneia, mas sabia ser na hora de lutar pelos seus interesses, enquanto que a esquerda travava duas disputas paralelas, uma internamente entre seus vários grupos e partidos, e outra com a direita. É uma questão que não se esgota, e deve ser pensada, repensada, e exposta para que se possam desenvolver mais pesquisas sobre esses temas e esclarecer certas visões condicionadas de ambos os grupos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

FICO Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 nov. 2008. doi: 10.1590/S0102-01882004000100003

MORAES, Dênis de. **A Esquerda e o Golpe de 1964**: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. **Repressão e diplomacia**: Brasil, Estados Unidos e a experiência do golpe de 1964 no Rio Grande do Norte. IN: Projeto de História: Revista do Programa de Estudos Pós- Graduated em História da PUCSO. São Paulo: EDUC, n.29, julho/ dezembro 2004, p. 593-604.

